

Dois físicos e um filósofo disputam a presidência da sociedade que congrega cientistas de todo o país

Sucessão na SBPC já tem três candidatos

JANAÍNA SIMÕES

janainasimoes@hotmail.com

A disputa pela presidência da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), que até aqui tinha como candidatos o físico Ennio Candotti, da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), e o filósofo Renato Janine Ribeiro, da Universidade de São Paulo (USP), acaba de ganhar mais um concorrente: o também físico e professor emérito da Unicamp, Rogério César Cerqueira Leite. Cerqueira conseguiu as 100 assinaturas de adesão dos sócios da entidade para poder disputar o cargo. Outros nomes podem surgir por indicação dos sócios, uma vez que o prazo final para que as indicações sejam feitas é dia 23 de abril. O resultado final da eleição, que renovará a diretoria e o conselho da SBPC para o período de 2003 a 2005, será divulgado no dia 13 de junho.

Resultado da eleição será divulgado em julho

Tanto Candotti quanto Janine Ribeiro foram candidatos indicados pelo conselho da SBPC. Candotti também recebeu a indicação de sócios. Havia um terceiro candidato, Marco Antônio Raupp, diretor do Laboratório Nacional de Computação Científica (LNCC), mas ele desistiu e está apoiando a candidatura de Janine Ribeiro. Candotti é professor do Departamento de Física e Química da UFES, e Janine Ribeiro é professor de Ética e Filosofia Política na USP.

Candotti explicou que mais de 250 sócios indicaram seu nome, o que o motivou a entrar na disputa. “Novos e velhos temas de educação e política científica e tecnológica, e das relações entre ciência e sociedade estão em discussão. Acredito que a SBPC deve desempenhar um papel ativo nessa discussão”, diz ele.



Foto: AAN



Foto: Walter T. Lima Jr.



Foto: Cecilia Bastos

Cerqueira Leite, Candotti e Janine Ribeiro, os candidatos: renovação do conselho e da diretoria

A proposta de ação de Candotti foi feita em colaboração com os candidatos à diretoria indicados pelos sócios (veja tabela dos candidatos). Como diretoria, propõe a promoção do caráter nacional da SBPC. “A presença nos Estados é tímida, com honrosas exceções, há pouca atividade nas regionais, o que limita a representatividade das informações e análises que subsidiam suas propostas e protestos”, aponta.

Já o professor Janine Ribeiro pautou sua proposta de ação na ampliação da atuação social da SBPC. “A ciência e o conhecimento em geral têm um papel social, que, num país com as desigualdades que tem o Brasil, se torna decisivo. Isso quer dizer que não podemos pesquisar sem levar em conta a responsabilidade social”, destaca, em sua proposta. Ele vê a SBPC como braço político da ciência brasileira, o que não significa política partidária.

“Precisamos difundir junto ao nosso público interno o valor da ciência, o primeiro ponto é estabelecer essa percepção social”, explica ele, acrescentando que essa não deve ser uma postura defensiva. Sua preocupação advém de sua formação e carreira de pesquisador em Humanas. “Nessa área, principalmente, os cientistas se sentem muito ameaçados em termos de apresentar a utilidade das suas pesquisas”, completa. Para ele, é funda-

mental envolver a sociedade na discussão e legitimação da ciência, pois ela é que dará respaldo aos pleitos dos cientistas.

“Acho que a SBPC tem um papel importante a realizar no cenário político nacional, mas isso só será acatado pela sociedade se ela assumir uma atitude profissional”, aponta o candidato Cerqueira Leite. “Há uma enorme necessidade, atualmente, de uma voz independente e preciso que essa voz tenha um grande prestígio com a opinião pública”, completa. Segundo ele, para que isso ocorra é preciso mudanças que seriam mais facilmente realizadas por alguém que estivesse fora da corporação. Ele se refere ao fato de os outros dois candidatos serem membros efetivos do conselho da SBPC.

Polêmica – Nem bem começou a disputa e a eleição da SBPC já despertou polêmica em torno do papel que ela tem na sociedade e do próprio processo eleitoral. Cerqueira Leite escreveu recentemente um artigo no jornal Folha de S. Paulo, do qual faz parte do conselho editorial, em que afirma que a SBPC está ameaçada de extinção e onde critica a inscrição de 1.900 professores do ensino fundamental e médio promovido pela prefeitura de Recife (Pernambuco). Segundo ele, o procedimento foi apoiado por

um dos candidatos à presidência.

O artigo motivou uma resposta da bioquímica Glaci Zancan, atual presidente da entidade, em que ela afirma que o fato de a eleição da SBPC ter sido tratada em um grande jornal e que a contínua incorporação de novas sociedades científicas à entidade mostra que a SBPC está se fortalecendo. Ela também destacou que o processo eleitoral permite a apresentação de candidaturas alternativas às indicadas pelo conselho. A prefeitura de Recife também respondeu ao artigo, desmentindo a acusação de Cerqueira Leite sobre ter induzido professores da cidade a se associar à entidade para auxiliar a candidatura de um dos pesquisadores que disputam a presidência.

“A professora Glaci, como presidente da SBPC, não poderia dar outra resposta. É uma pessoa digna e tinha de defender sua instituição, mas não contestou nenhuma das minhas acusações”, comenta Cerqueira Leite, sobre o artigo escrito por ela. Sobre a resposta da prefeitura de Recife, o professor emérito da Unicamp disse que não costuma responder a cartas de leitores e disse que o prefeito João Paulo deveria ter escrito um artigo. “A resposta da prefeitura é pouco convincente. Ninguém acreditaria que, às vésperas da eleição, se apresentasse em bloco um número de

candidatos que dobra o colégio eleitoral por mera coincidência”, reafirma Cerqueira Leite. Segundo ele, um dos candidatos, o qual ele não cita o nome, fez uma grande argumentação para que este bloco fosse homologado como eleitores.

Os dois candidatos à presidência, Candotti e Janine Ribeiro, não concordam com Cerqueira Leite quando este afirma que a SBPC está perdendo importância. “Acho que ele foi mal informado sobre a situação da SBPC. O número de sócios em dia é pequeno, mas é mais do dobro do que ele menciona”, diz Candotti. Ele lembra, ainda, que há “uma torcida” de pessoas que não são sócias, mas que acompanham o trabalho da instituição com crítica atenção. “Não acredito que se possa dizer que a SBPC parou no tempo. Há pronunciamentos e ações importantes destes últimos dez, vinte anos, que ainda estão presentes na vida e na política de ciência e tecnologia do País. Basta ver a participação e a constante renovação dos debates nas reuniões anuais da SBPC”, afirma.

Ele lembra também que a SBPC e outras sociedades conseguiram multiplicar por 10, em 1987, o número de bolsas de pós-graduação do CNPq e da Capes, consolidando o sistema. O professor Candotti ressalta, ainda, o trabalho constante da SBPC no incentivo à criação das fundações de amparo à pesquisa nos Estados.

“Melhor prova de que não está perdendo importância é o fato de termos várias candidaturas nesta eleição. Há gente que tem projetos para a SBPC”, enfatiza Janine Ribeiro. “A SBPC é a única representação com dimensão política”, ressalta. Segundo ele, as sociedades científicas se preocupam com questões mais específicas, como treinamento, capacitação, elevação do nível da ciência, focando mais as áreas que representam. Já a SBPC tem o papel de articular essas iniciativas com a política.

Christiano Lyra assume na Engenharia Elétrica

Renovação do quadro docente da Faculdade de Engenharia Elétrica e de Computação (FEEC) prevista para os próximos anos está entre as principais metas do novo diretor, professor Christiano Lyra. Ele assumiu a direção da Unidade, juntamente com o professor João Marcos Travassos Romano, no último dia 16 de abril, em substituição ao professor Léo Pini Magalhães. As eleições ocorreram em março de 2003 e tiveram a participação de apenas uma chapa para renovação da diretoria. Os novos diretores devem permanecer no cargo até abril de 2007.

Lyra esclarece que grande parte dos professores na ativa começou a carreira acadêmica no início da Faculdade. Segundo suas estimativas, em aproximadamente dez anos deverá ocorrer uma mudança quase completa do quadro. “Até o final da gestão, os pedidos de afastamentos por aposentadoria devem ficar mais fortes”, lamenta. O novo diretor justifica sua preocupação porque reconhece o padrão de qualidade alcançado pelos cursos de engenharia elétrica e engenharia da computação ao longo dos anos, o que faz da FEEC uma escola especial. “Por isso percebo o peso em manter este padrão, tanto no ensino como na pesquisa”.

Outro desafio importante da gestão será a captação de recursos para financiamento de pesquisas. Segundo Lyra, os drásticos cortes nos valores repassados para bolsas e despesas administrativas dos pesquisadores constitui um sério problema para a administração. Neste caso, o novo diretor assume o compromisso de se empenhar em tentar reverter a situação. Ele acredita que será possível minimizar o problema com algumas ações diretas junto aos órgãos financiadores. “Pretendo ocupar muito tempo com financiamentos”.

Em todas as propostas, o novo diretor faz questão de enfatizar que o trabalho será em harmonia. Para isso ele deve recorrer ao espírito de companheirismo e ajuda mútua, que em sua opinião sempre esteve presente entre

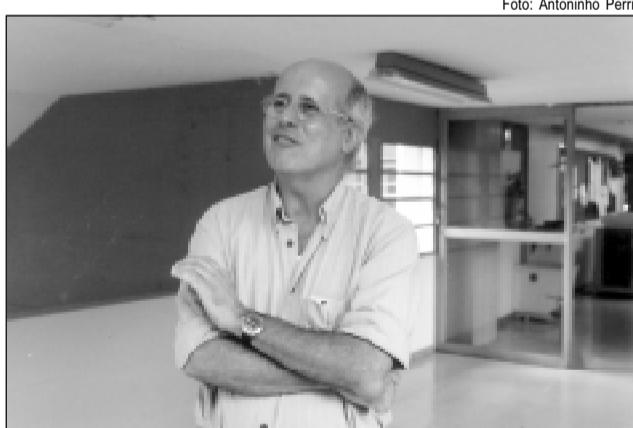


Foto: Antoninho Perri

O professor Christiano Lyra: mandato vai até abril de 2007

a comunidade da faculdade. “Queremos continuar crescendo em equilíbrio com todas as áreas”.

Currículo – Em sua carreira acadêmica na Unicamp, desde agosto de 1978, Lyra já ocupou os cargos de chefe de departamento, coordenador de pós-graduação, representante da faculdade na Câmara de Administração (CAD), presidente e membro da Comissão de Avaliação da Carreira de Funcionários não-docentes, e presidente da comissão de Avaliação e Contratação de Docentes. Desde 1994, é professor titular do Departamento de Engenharia de Sistemas. Também é bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq e membro sênior da sociedade científica IEEE (Institute of Electrical and Electronics Engineers). O diretor associado, professor João Marcos Travassos Romano, está na Unicamp desde 1977, quando fez o curso de graduação em engenharia elétrica. Fez mestrado também na Unicamp e doutorado na Universidade de Paris-XI. Em 1988 passou a fazer parte do corpo docente da FEEC, onde é desde 1999 professor titular do Departamento de Comunicações. Atualmente é presidente da Sociedade Brasileira de Telecomunicações.

Instituto de Computação ganha superlaboratório

RAQUEL DO CARMO SANTOS
kel@unicamp.br

Um laboratório de informática equipado com tecnologias para aplicação de clusters – conjunto de computadores interligados por uma rede de alta velocidade – é a mais nova aquisição do Instituto de Computação. São 80 computadores e um total de 140 processadores, todos conectados em uma rede, formando um supercomputador distribuído em três salas. O projeto é uma parceria da Unicamp com a Metron Indústria Eletrônica Ltda. Para o diretor do IC, professor Ricardo Anido, a nova aquisição será de grande importância para o desenvolvimento de pesquisas de graduação e pós-graduação, por se tratar de uma das maiores instalações desse gênero no Brasil.

As novas instalações foram inauguradas no último dia 11 de abril, com a presença de Leone Picciotto, presidente da Metron – empresa responsável pelo desenvolvimento do equipamento – do reitor da Unicamp, professor Carlos Henrique de Brito Cruz, do representante do Ministério da Ciência e Tecnologia, Rafael Gomes e pelo diretor comercial TDI Electronics Brasil, Ivan Felix – responsável pela montagem das máquinas.

Na opinião do diretor do IC, o equipamento deve otimizar as pesquisas realizadas pelo IC. “As áreas mais beneficiadas serão as de processamento de alto desempenho e processamento distribuído. Portanto, projetos que necessitem de supercomputadores, como o caso do projeto Genoma”, afirma. Além disso, pesquisadores de outras unida-



Foto: Neldo Cantanti

Uma das três salas do novo laboratório: 80 computadores e 140 processadores conectados em rede

des da Universidade também poderão compartilhar da tecnologia.

Até o momento foram gastos cerca de R\$ 2,8 milhões para montar o laboratório, liberados pela Metron, que segundo o presidente, é o maior investimento em Pesquisa e Desenvolvimento da empresa para uma única instituição. O que mais chamou a atenção de Picciotto para o projeto da Unicamp foi o caráter corporativo e a inovação em desenvolver um sistema de gerenciamento de cluster. O convênio com a empresa foi firmado em outubro do ano passado e tem a duração de três anos.

O acordo prevê a instalação completa de um equipamento com mais de 400 nós de processamento. Até o final do convênio, a Unicamp deverá desenvolver um conjunto de ferramentas para gerenciamento do cluster. “Isto garantirá um poder computacional enorme para trabalhos de alta complexidade. Seguramente estará entre os três maiores computadores do Brasil”, explica Ivan Felix.